

TV DIGITAL: MOBILIDADE E QUEBRA DA LINEARIDADE

Eduardo Pellanda

Resumo

A TV Digital, com a aprovação do governo, faz com que a mudança deste meio de comunicação seja uma realidade sem retorno. Neste artigo, serão abordados os tópicos de mobilidade e de modificação do tempo de consumo viabilizada por novos dispositivos de gravação digital.

Abstract

The digital TV, approved by the government, possibilitates the change of this means of communication to become an undisputed reality. In this article, it will be discussed the topics of mobility and modification of consumption time by means of new devices of digital recording.

Palavras-chave

DVRs - TV Digital

Key Words

DVRs - Digital TV

Depois de mais de dez anos de avaliação técnica e política do governo e dois anos de pesquisas nas universidades, o Padrão Brasileiro de TV Digital (SBTVD) foi aprovado. Na base, o sistema é o adotado no Japão com modificações desenvolvidas com tecnologias brasileiras. Mas, independente dos aspectos técnicos, a mudança deste meio de comunicação já é uma realidade sem retorno. Toda a linguagem desenvolvida para o meio ao longo dos últimos cinquenta anos estão prestes a mudar, viabilizados pelas potencialidades desta nova técnica. O conteúdo é alterado à medida que inúmeras possibilidades também surgem derivadas da digitalização do meio. Neste artigo, serão abordados somente os tópicos de mobilidade e de modificação do tempo de consumo viabilizada por novos dispositivos de gravação digital.

McLuhan (1964) foi o primeiro a captar a existência de um ambiente em que a mídia se propaga. Mesmo no caso da TV, onde não existe o canal de retorno para a interatividade, os espectadores estão todos conectados através do acontecimento: "A TV não é tanto um meio de ação quanto de reação" (McLUHAN, 1964, p.359).

Na TV clássica, como foi concebida, a audiência de partidas de futebol, posses de presidentes ou mortes de ídolos na programação precisam ser feitas em tempo real, com todas as pessoas assistindo ao mesmo tempo as mesmas imagens. O que difere esta audiência da de um teatro ou estádio é o fato de estarem em lugares diferentes, mas o tempo e o acontecimento são os mesmos. Esta característica começou a se transformar com o videocassete na década de 80, mas

está sendo ainda mais profundamente alterada na digitalização de seus sinais com aparelhos como Tivo¹. Este aparelho está sendo responsável por toda uma linha de outros DVRs² e expandindo este mercado rapidamente, em especial nos EUA. Com a incorporação da tecnologia dos DVRs, a audiência

deixa de ser massiva para ser individual e o horário nobre passa a ser o do espectador (NEGROPONTE, 1995), criando uma relação de audiência: "... televisão, como conteúdo individual dos videocassetes, reverte o processo, e move filmes de volta da tela pública para o cinescópio individual, que os filmes podem ser vistos por uma pessoa por vez" (LEVINSON, 2004, p.151).

O TivoToGo³ é um dos primeiros passos

O Toda a linguagem desenvolvida para o meio ao longo dos cinquenta anos estão prestes a mudar, viabilizados pela potencialidades desta nova técnica.

para levar esta tecnologia para computadores portáteis e com isso alcançar um outro contexto de audiência. No princípio básico dos DVRs, a questão tempo é o principal fator de inovação; no caso do TivoToGo, o espaço também é uma variável que se torna possível controlar. O “quando ver” e “onde ver” são conceitos novos que começam a alterar padrões tanto de produção como de consumo da TV. Não somente a questão da concentração dos programas com mais audiência nos horários até então “nobres”, mas também o foco da publicidade para financiar toda a estrutura está sendo um fator de crise para o meio. No momento em que a TV não existe mais somente ao vivo, os anúncios tradicionais de 30 segundos não são mais vistos na hora planejada pela estratégia de uma agência de publicidade e nem mesmo se pode precisar onde e como ele será consumido; o contexto todo do conteúdo precisa se transformar para se adaptar. Esta metamorfose foi proporcionada, inicialmente, pelos DVRs que foram a base para a quebra da linearidade do meio, mas a TV deverá

sofrer ainda mais reestruturações com a possibilidade do canal de retorno proporcionado pelo sistema de TV Digital. Enquanto os DVRs são agentes externos de transformação da TV analógica, os sistemas de TV Digital já nascem com a arquitetura toda planejada de forma nativa no novo meio. A TV passa a incorporar características da linguagem da Internet e estar conectada à rede, causando uma convergência de linguagens que poderá acabar na impossibilidade de detecção da fronteira entre as duas mídias.

Uma característica em que a TV não evoluiu em relação ao rádio, seu antecessor e ponto de partida para a sua linguagem, foi na questão da mobilidade. Nos anos 80, logo depois do fenômeno gerado pelos *Walkmans*, a japonesa Sony lançou no mercado as pequenas TVs portáteis com o selo *Watchman* e, mais tarde, Philips, Casio e outras entraram neste segmento. Por diversos

motivos técnicos e de essência do meio, a portabilidade nunca conseguiu estar associada a TV.

Uma das questões técnicas se refere ao fato da forma como o sinal aberto de TV é recebido em diversos pontos de uma cidade. De maneira geral, a antena longa precisa estar presente e isto é um agente negativo, pois impossibilita o uso em espaços pequenos. Além disso, a mobilidade implica em movimento e quando isso ocorre o sinal de TV é recebido de maneira diferente, exigindo uma constante alteração da direção da antena. A questão da pouca resolução dos monitores de cristal líquido da época também era um fator de repulsão aos aparelhos uma vez que, para compensar o tamanho diminuto de uma tela, é preciso

que a resolução seja alta a fim de possibilitar a distinção de objetos com nitidez. Os fatores técnicos poderiam ter sido contornados, ou mesmo transpostos, se não houvesse um problema estrutural para a mobilidade da TV. A linguagem do meio até então era baseada na transmissão ao vivo recebida pelo espectador que



não possuía controles como os atuais DVRs que permitem inclusive “pausar”⁴ a programação ao vivo. Esta característica é fundamental na portabilidade, onde a recepção é feita em espaços de tempo, como na viagem de ônibus ou na espera em uma fila de banco; se o conteúdo não estiver sincronizado com o interesse do espectador neste momento específico, não haverá motivo para o meio portátil existir. Na mobilidade o controle de qual o conteúdo tem valor em um determinado espaço de tempo é fundamental. Quando se está em um estádio de futebol onde o jogo já está sendo visto em tempo real, só é interessante ter um aparelho de TV portátil que tenha controles de qual o lance pode-se ver e quando ele será visualizado.

No momento em que as operadoras de telecomunicação estão investindo em formatos de TV para celulares, todas estas questões são revistas e adaptadas a esta nova forma de transmissão

da linguagem televisiva. Este tópico será ainda explorado neste trabalho quando os aparelhos móveis forem discutidos com suporte para a convergência de mídias.

A TV Digital no celular pode ser umas das entradas deste meio na população, além de atuar como agente de inclusão digital. Conforme foi proposto na seleção do formato japonês, como base para o padrão brasileiro, o sinal de TV para captura nos celulares será livre de qualquer taxa-ção das operadoras.

Somente as questões de alteração de tempo e conseqüente quebra da linearidade do conteúdo televisivo e a mobilidade proporcionada por novos dispositivos móveis alteram significativamente o hábito de ver TV. E, com isso, também a preparação do conteúdo e a formação dos profissionais envolvidos nesta nova mídia.

NOTAS

*PROF. Dr. Eduardo Campos Pellanda

¹ O aparelho da empresa homônima (<http://www.tivo.com/>) foi responsável pela invenção dos gravadores digitais de vídeo. O Tivo tem 2,3 milhões de usuário nos EUA.

² Sigla para Digital Vídeo Recording

³ <http://www.tivo.com/4.9.19.asp>

⁴ Para criar o efeito de pause na programação ao vivo os DVRs continuam gravando o conteúdo em tempo real enquanto o espectador pode ver um conteúdo pré-gravado há alguns minutos.

REFERÊNCIAS

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LEVINSON, Paul. **Cellphone**. New York: Palgrave, 2004.
McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

_____. FIORE, Quentin. **El medio es el mensaje**. Un inventario de efectos. Buenos Aires: Paidós, 1997.

NEGROPONTE, Nicholas. **Vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.